

JOÃO MANUEL DUQUE

*Aproximando-se
de
Fátima,*

100 ANOS DE FÉ



Introdução

*“Aproximar é a essência da proximidade.
A proximidade aproxima a distância, enquanto distância.”*

(Martin Heidegger)¹

Celebra-se em 2017 o primeiro centenário das aparições ou manifestações da Virgem Maria em Fátima, precedidas de várias manifestações de um Anjo, segundo o relato de três crianças pastoras. Nesses acontecimentos foi comunicada a esses três pastorinhos² uma mensagem muito própria, que, entretanto, se tornou conhecida como “Mensagem de Fátima”. Embora incluía elementos reservados, que se tornaram conhecidos como “segredos de Fátima”, não se trata, contudo, de uma mensagem secreta, mas de elementos fundamentais da mensagem evangélica, aplicados ao contexto local e temporal. Por outro lado, esse conteúdo comunicativo é apenas uma parte do conjunto do fenômeno Fátima, que é muito mais vasto.

Antes de tudo, ele inclui o próprio acontecimento das aparições e do impacto que teve sobre a vida das três crianças e dos

¹ Martin Heidegger, *Vorträge und Aufsätze*, Pfullingen, 1954, p. 176; cf. Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, GA 12, Frankfurt a. M. 1985, p. 211.

² Nome que em Portugal genericamente conota os três videntes de Fátima, sem necessitar de mais explicação.

seus próximos. Os eventos estranhos e as suas configurações são significativos, por si só, e constituem um elemento importante na futura configuração do que aconteceu em Fátima e no seu significado profundo.

Mas o que aconteceu posteriormente em Fátima, ao longo dos últimos cem anos, não é menos importante e não pode ser separado do significado global do fenómeno. Por isso, Fátima, sem deixar de ser, antes de tudo, um lugar de aparição de Maria – de uma mariofania, portanto – e um lugar em que é comunicada uma mensagem evangélica ao mundo, através dos pastorinhos, inclui também um espaço e um tempo significativos, cuja história contribuiu para o que poderíamos denominar, genericamente, de fenómeno Fátima. Esse fenómeno possui um forte impacto não só em Portugal, mas também no resto do mundo, em dimensões especificamente religiosas (ou “espirituais”, no sentido mais genérico que hoje se lhe atribui), e também em muitas outras dimensões: social, política, artística, económica etc.

Nos próximos capítulos, serão apresentados alguns núcleos essenciais da dimensão religiosa (também considerada espiritual ou mesmo teológica) desse acontecimento, que possui cada vez mais significado na vida de muitos dos nossos contemporâneos. Não serão apresentados dados exaustivos, nem sequer pormenorizados, sobre o que aconteceu ou sobre as suas diversas interpretações. Vou limitar-me a escolher um percurso, seleccionando o que me parece ser mais importante

– sendo essa seleção inevitavelmente subjetiva, pois inúmeros outros elementos poderiam ser escolhidos.

E como o ponto de partida é o acontecimento Fátima, no conjunto das suas facetas, mais do que simplesmente a Mensagem, proponho que a nossa introdução comece do mesmo modo como começou a experiência dos três pastorinhos. Crianças normais, sem dotes nem expectativas estranhas, sem especial preparação espiritual, são surpreendidas pelo que lhes acontece, que além do mais era pouco provável ou imprevisível. Dessa surpresa resulta uma penetração progressiva num ambiente e numa experiência de vida que permite algo único e que exige uma missão.

Sugiro, por isso, que tomemos como aproximação a Fátima o caso do turista que se aproxima do local, com alguma curiosidade, sim, mas sem especial envolvimento. É claro que, depois de Fátima ter-se tornado mundialmente conhecida, não é possível conseguir essa “inocência” plena. Mas certo exercício ascético, colocando entre parêntese legítimas devoções e justificados entusiasmos prévios, pode ajudar a estabelecer uma relação com o que acontece em Fátima. A primeira parte, como pórtico de entrada, pretende, pois, ajudar-nos a observar as diversas facetas dos acontecimentos, os de há cem anos e os de hoje, e os seus possíveis significados.

Depois de passado esse pórtico e já no interior do espaço e dos respetivos elementos, proponho uma síntese dos conteúdos teológicos da mensagem de Fátima, não simplesmente a

partir de conteúdos comunicados explicitamente pelo Anjo ou por Maria, mas também a partir dos próprios acontecimentos. Porque, segundo a tradição bíblica, a “revelação” realiza-se, antes de tudo, através de eventos históricos reais, que podem ser esclarecidos por palavras sobre esses acontecimentos, mas que não se reduzem a essas palavras, nem aos sentimentos de sujeitos individuais.

Por último, se é certo que a dimensão mística e contemplativa é um elemento muito importante em Fátima – como foi para os pastorinhos, já na ocasião, e sobretudo para Lúcia, ao longo de toda a vida – não é menos importante a orientação de toda a sua missão para a vida do mundo, em muitos dos seus aspectos. Assim, não se trata de convite à conversão a um estado estático de experiência contemplativa, mas de um processo em que a experiência mística de aproximação à dimensão do “sagrado” – nas manifestações, mas também na experiência do santuário – convoca a um envio profético para o meio dos problemas do mundo e para o compromisso na denúncia e na procura de soluções. Nesta última parte serão explorados não apenas os elementos da mensagem que exigem essa orientação, mas também algumas realizações concretas que têm colocado Fátima em estreita relação com o que acontece no mundo.

Antes de iniciar a nossa viagem, convém salientar que se trata de uma “aproximação”. Em primeiro lugar, porque Fátima implica um lugar e, nesse sentido, é necessário criar certa proximidade com o mesmo – ainda que as aproximações

possam ser muito diversificadas, consoante o perfil do peregrino que se aproxima. Um devoto de Fátima que ainda não experimentou o lugar não viveu ainda algo essencial. As linhas que se seguem são, pois, um convite a essa aproximação, também espacial, embora implique mais do que isso.

Por outro lado, uma aproximação é sempre relativa. Fátima é um fenômeno que interpela qualquer humano que com ele contate. E interpela também o pesquisador, teólogo ou não. Nessa interpelação vem o convite à reflexão. Mas, ao mesmo tempo, vem o alerta para o fato de que nenhuma reflexão poderá esgotar o fenômeno. Fátima é sempre mais rica e mais vasta do que qualquer análise possa sobre ela discorrer. Estou plenamente consciente disso e essa consciência é tanto mais viva quanto mais me tenho aproximado de Fátima. Mesmo quando é necessário assumir posições críticas, essa crítica surge no interior do respeito por algo que é muito mais profundo – mesmo do ponto de vista antropológico e social – do que aquilo que as análises possam concluir.

É também nesse mesmo sentido que a aproximação aqui proposta não pretende ser nem exaustiva nem propriamente oficial. Outros assuntos poderiam ser considerados mais prioritários, mesmo pelas autoridades do próprio santuário. Por outro lado, algumas das reflexões aqui apresentadas, desenvolvidas a partir do acontecimento de Fátima, foram anteriormente por mim desenvolvidas, precisamente no contexto dos congressos e simpósios organizados pelo santuário, e nos quais

tenho participado frequentemente, pelo fato de serem organizados em parceria com a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Não pretendo, de modo nenhum, que este pequeno livro constitua qualquer contributo significativo para a já notável investigação sobre Fátima, pois nada trará de novo.³ O seu perfil procura, antes, explorar as ressonâncias ou os harmônicos do acontecimento de Fátima em alguns temas maiores da tradição teológica – ou vice-versa: a ressonância desses temas nos acontecimentos e na linguagem de Fátima.

A única eventual “autoridade” destas minhas abordagens poderia advir-lhe desse enquadramento, que culminou no fato de ter assumido, a convite do santuário, a presidência da Comissão Organizadora e da Comissão Científica do Congresso Internacional do Centenário de Fátima. Mas essa tarefa, que certamente muito me honra, em nada invalida que este meu contributo seja completamente livre e, por isso, perfeitamente sujeito a debate e mesmo a eventual contestação.

Postas estas considerações prévias, penso que poderemos iniciar calmamente a nossa visita que, para ser mais significativa, deverá ser nos dias 12 e 13 de maio – seja de que ano for.

³ No final, indicam-se algumas obras representativas dessa investigação. Ao longo do texto, serão citados pequenos extratos das Memórias da Ir. Lúcia, com a respectiva indicação.

1.

Pórtico de entrada

Os lugares

Fátima é nome de mulher, de origem árabe, ainda hoje frequentemente usado no português. Mas é também nome de um lugar – segundo a lenda, por ligação a uma princesa árabe convertida ao cristianismo. Trata-se de uma freguesia de Ourém, no distrito de Santarém, pouco mais do que uma centena de quilômetros ao norte de Lisboa. Foi esse lugar que tornou o nome conhecido em todo o mundo – em alguns casos mais conhecido do que o próprio nome de Portugal. E foi um conjunto de acontecimentos ou experiências religiosas concretas que tornou esse local conhecido, transformando-o em pouco tempo numa cidade de cerca de 12 mil habitantes, com vários milhões de visitantes por ano. Precisamente, a região da atual cidade de Fátima era um lugar sem nada nem ninguém há cem anos – uma espécie de não lugar, pois sem qualquer significado humano especial.

A Cova da Iria, como lugar da freguesia de Fátima, era terra de pastagem e de alguma produção agrícola, em plena Serra de Aire. Com essas características, era idêntica a milhares de outros lugares. Por isso, o significado único desse lugar está inevitavelmente ligado às experiências aí vividas.

Não se deve à sua especial localização: não é o cimo de um monte, como é habitual, mas precisamente uma cova; não é um lugar de encontro de pessoas, mas um local isolado; não é um lugar especialmente deslumbrante pela paisagem ou pela vegetação, mas relativamente árido. É, pois, um lugar pouco provável que nele aconteça algo extraordinário. De certo modo podemos dizer que a atual Fátima surgiu do nada, a partir exclusivamente de vários acontecimentos epifânicos especiais. Trata-se, portanto e precisamente pela sua banalidade anterior, de um lugar especial desde a sua origem como acontecimento, bebendo aí o seu significado mais profundo. Como veremos quando lá chegarmos, até a própria vida cotidiana da cidade é marcada por essa origem estranha, traço de um excesso singular em relação ao cotidiano dos lugares banais que habitamos.

Mas vamos com calma e comecemos mesmo antes de chegar lá. Se nos aproximarmos de carro, sobretudo se for perto do dia 12 de maio e se evitarmos a autoestrada, escolhendo a estrada nacional ou vias secundárias, estranharemos certamente o número elevado de pessoas que caminham, a pé, pelas bermas, em grupos, com um destino certo. Qualquer turista que pergunte pelo destino deles, receberá a resposta óbvia, em rostos de surpresa pelo desconhecimento: “Vamos a pé a Fátima!”.

Ir a pé a Fátima tornou-se um hábito quase anual de muitos portugueses, nomeadamente jovens, que durante alguns dias se tornam peregrinos. As últimas décadas conheceram um

notável aumento da prática da peregrinação, que na Península Ibérica se tem concentrado sobretudo nos caminhos de Santiago. Numa mistura sincrética de motivações cristãs com motivações ecológicas e espirituais – em sentido muito genérico, próximo ao ambiente *New Age* –, os europeus contemporâneos entusiasmam-se cada vez mais com o que possa significar a experiência de uma peregrinação.

No caso português, Fátima tornou-se numa espécie de destino alternativo ao caminho de Santiago, embora não o substitua completamente nem se tenham constituído propriamente caminhos de Fátima, à semelhança do secular percurso de peregrinação europeia. Mas são mais os portugueses que vão a pé a Fátima do que os que vão a Santiago. Independentemente da devoção direta a Maria ou mesmo aos pastorinhos, essa caminhada constitui uma devoção por si mesma e, para alguns grupos, a grande experiência propriamente dita.

De fato, a peregrinação a pé estabelece uma relação específica com o espaço, por relação a um lugar. Quando um lugar se transforma em meta de peregrinação, os caminhos que a ele conduzem passam a fazer parte dele. Por isso Fátima já não é apenas o lugar onde hoje se ergue uma cidade, no coração da qual se levanta um santuário. Ela é o conjunto dos caminhos que lá conduzem e as milhares de pessoas que os percorrem a pé, não apenas para lá chegarem – pois podiam ir com qualquer meio de transporte –, mas precisamente para

caminharem e, nessa caminhada, já viverem o espírito de Fátima. E Fátima é santuário também nesse caminho e nas experiências que aí se vivem.

A caminhada a pé contraria, antes de tudo, dois modos mediados de nos relacionarmos com o espaço, que tendencialmente anulam os lugares e os transformam em puros pontos, quer de partida, quer de chegada. Trata-se da mediação provocada pela velocidade dos meios de transporte, como próteses do humano que impedem a experiência dos percursos; e trata-se da mediação pela virtualização do espaço, num ciberespaço em que podemos estar em todo lado sem estar propriamente em lado nenhum. Esses modos de relação ao espaço, que anulam a experiência dos lugares, são contestados na caminhada a pé, que permite e exige uma relação direta, corpo a corpo, com cada centímetro do espaço, na variedade dos seus significados. É nessa variedade que o ponto de partida – como habitação do cotidiano – se une, pelos lugares do percurso, ao ponto de chegada – como lugar do santuário e do diferente. Pelo meio está a exigência da vida e da existência, que inclui a alegria das metas parciais conseguidas, mas também a dor da exigência, que as mediações progressivamente foram anulando.

É essa dor do caminho, numa relação profunda com a vida real do caminhar permanente, que em grande parte anima a espiritualidade da caminhada a pé até Fátima. Não como sacrifício pelo sacrifício, mas pela experiência da nossa condição

exigente e por vezes sofredora, enquanto caminho necessário para uma autêntica experiência de fé. Se, como vamos ver, a experiência do sacrifício pertence incontornavelmente aos acontecimentos de Fátima, o peregrino faz sua essa experiência, na variedade dos seus significados, mesmo os mais suspeitos, sentindo na carne o que é a caminhada da condição humana. A experiência do peregrino será, portanto, a melhor forma de nos aproximarmos da experiência de Fátima, no seu conjunto. E as multidões que vemos caminhar, pelas bermas das estradas, são um convite incômodo ao nosso próprio caminho, seja como for. Já não nos aproximamos de Fátima, o lugar especial surgido do nada, do mesmo modo como nos aproximamos de outros destinos turísticos, que vamos transformando em objeto da nossa fruição e do nosso consumo. Fátima interpela, mesmo antes de lá chegarmos.

Mas interpela também quando lá chegamos. Inicialmente, de forma talvez contraproducente. Se os peregrinos nos conduzem ao coração da experiência humana do religioso, a primeira impressão dos edifícios de Fátima coloca-nos perante o que poderíamos considerar uma exploração consumista do religioso. Os inúmeros hotéis – que agora suplantaram e por vezes substituíram as numerosas casas de ordens religiosas que lá se construíram – evocam a recente indústria do turismo, ainda que seja turismo religioso. Mas o que maior impacto causa é o pulular de lojas que vendem os mais variados artigos

relacionados com o local. Trata-se de uma espécie de hino à imaginação humana, que consegue fazer negócio de tudo e com tudo. É a consequência inevitável do volume que o acontecimento assumiu. Também nisso o lugar é diferente de quase todos os outros lugares.

Mas, se procurarmos o coração daquilo que motiva os peregrinos e não desistirmos desiludidos por esta primeira impressão, avançamos até ao coração do lugar e chegamos finalmente ao espaço-acontecimento propriamente dito. Este é, antes de tudo, aberto. Há a azinheira, no local onde estava a original; há a capelinha das aparições, que é toda exterior, para todos acolher e se prolongar no grande recinto; e há sobretudo o recinto, uma espécie de encarnação do sublime pela vastidão mas também pelo espaço vazio. Porque é no espaço sublime desse recinto que se experimenta o silêncio também sublime, que convida a uma experiência meditativa e contemplativa. É claro que essa experiência do recinto aberto, vazio de confusão e de ruído, só é possível em dias de relativamente pouca afluência. Por isso, aconselha-se o visitante a que não experimente Fátima apenas nos dias de peregrinação, mas também nos dias de calma – sobretudo na primavera. Nesses momentos, é possível sentir uma dimensão do lugar que não se consegue no meio da multidão.

Mas a experiência da multidão, em determinados dias do ano, faz também parte da mística do lugar. Essa é a experiência mais habitual do peregrino que vai a pé a Fátima em momentos

especiais de peregrinação – com destaque os dias 13 de maio e 13 de outubro. Trata-se, antes de tudo, da experiência de pertença a um povo de iguais, de humanos simples, que deixaram em casa e nos locais de trabalho as distinções que provocam confrontos e arrogâncias e que percorreram os recantos das suas debilidades; de humanos que sofrem e que partilham, solidariamente, o sofrimento dos outros, numa transformação ritual como é a de caminhar de joelhos; de humanos que agradecem o que reconhecem ter recebido de graça; de humanos que rezam em conjunto; de humanos que vibram, em multidão, como acontece no momento extraordinário da procissão de velas, uma espécie de sublime feito momento, uma versão humana, no tempo, daquilo que é, no espaço, o enorme recinto aberto.

É claro que essas experiências possuem ambiguidade própria. Elas podem transformar-se em negócio com o divino, ou em exibição pura, ou em manipulação psicológica, numa espécie de êxtase coletivo, anulador das liberdades pessoais que constituem a multidão. O trabalho pastoral dos responsáveis pelo santuário tem sido orientado, fortemente, no sentido de esclarecer e superar certas dessas ambiguidades, promovendo experiências de autêntica liberdade. Mas as multidões humanas são sempre imprevisíveis. E Fátima também vive disso. Aliás, isso faz com que, no seu núcleo e enquanto fenômeno social, Fátima seja um acontecimento popular, e não algo manipulado e completamente controlado pela hierarquia eclesial.